

O PRÉ-VESTIBULAR SOCIAL DA FUNDAÇÃO CECIERJ (PVS) E A PERCEPÇÃO DO SER NEGRO (A) ENTRE EX-ALUNOS(AS)

Gabriela Alves da Silva Nagamatsu¹
Maria Alice Rezende Gonçalves²

Resumo

A investigação tem como objetivo descrever as experiências de ser negro (a), vivenciadas por universitários (as) egressos do Pré-Vestibular social de uma Fundação estadual, o PVS, polo do município de Belford Roxo (RJ). Para tal, tomamos como referencial teórico os seguintes autores: FANON (2008); HOOKS (2013); KILOMBA(2019); e MBEMBE (2014). A partir do estudo de caso centrado nos sujeitos (KILOMBA, 2019), evidenciou-se que os cursos de pré-vestibulares surgem para promover oportunidades educacionais tanto para jovens negros (as) e pobres quanto para outros segmentos excluídos. Observou-se também que, dentro do grupo entrevistado, alunos (as) negros (as) constroem suas experiências em um contexto racista que alimenta novas formas de exclusão que gera dores e traumas. Partindo dessa questão, esses cursos podem oferecer ferramentas que auxiliam na construção de uma identidade positiva, por meio de discussões sobre a temática racial, negligenciadas pelas escolas, ou por meio

¹ Professora de Português formada pela UERJ. Mestre em Educação, Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas pela UERJ. Lecionou no Pré-vestibular social CEDERJ (PVS) e sua dissertação de mestrado tratou da trajetória de alunos negros (as) dessa instituição no polo de Belford Roxo, localizado na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3941-2657>. E-mail: gabialvesuerj@gmail.com.

² Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Possui estágio pós-doutoral no Centre d'analyse et d'intervention sociologiques da École des Hautes Études en Sciences Sociales (Bolsista Capes - 2011) e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2012). Bolsista do Programa de Incentivo a Produção Científica, Técnica e Artística - Prociência. Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2002) e Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990) Especialização lato sensu em: Sociologia Urbana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1981), em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008) e em Gênero e Sexualidade pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2016). Aperfeiçoamento em Relações Raciais e Cultura Negra pela Universidade Candido Mendes (2000). Curso Técnico em Design de Interiores pelo SENAC (2017). Atualmente é: docente do Departamento de Ciências Sociais e Educação da Faculdade de Educação da UERJ e no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da FEBF/UERJ; Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UERJ e membro do Conselho Consultivo e Gestor do Museu Afro-digital Rio; coordenadora e conteudista de disciplina Questões étnicas e de gênero (eletiva) do Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Consórcio CECIERJ/CEDERJ). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia das Populações Afro Brasileiras e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, políticas públicas, ensino superior, cidadania e cultura afro-brasileira. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6120-554X>. E-mail: marialicerezende@uol.com.br.

da sociabilidade adquirida. A partir dessas percepções, sugere-se uma educação antirracista a fim de contribuir para atenuar as desigualdades estruturais em nossa sociedade.

Palavras-chave: Juventude negra; Belford Roxo (RJ); Pré-Vestibular Social; Desigualdade racial.

ESTADUAL FOUNDATION'S PRE-VESTIBULAR (PVS) THE PERCEPTION OF BEING BLACK AMONG EX-STUDENTS

Abstract

The research aims to describe the experiences of being black lived by university students graduating from a Estadual Foundation's Pre-Vestibular, PVS, a study center in the city of Belford Roxo. For that, we take the following authors as a theoretical reference: bell hooks (1994); FANON (2008); KILOMBA (2019) and MBEMBE (2014). From the subject-centered case study (KILOMBA, 2019), it's observed that pre-university courses were created to promote educational opportunities both for black and poor young people and for other excluded segments. Within the interviewed group, it's also observed that black students build up their experiences in a racist context that feeds new forms of exclusion, generating pain and trauma. Thus, these courses can offer tools that help in the construction of a positive positive identity, either through discussions about racial issues, which were considered neglected in schools, or through sociability. Based on these conclusions, it is suggested an anti-racist education in order to contribute to attenuating structural inequalities in society.

Keywords: Black youth; Belford Roxo (RJ); Pré -Vestibular Social; Racial Inequalities.

EL CURSO PREPARATORIO PARA ACCESO A LA UNIVERSIDAD DE LA FUNDACIÓN CECIERJ (PVS) Y LA PERCEPCIÓN DE SER NEGRO ENTRE EXALUMNOS

Resumen

La investigación tiene como objetivo describir las experiencias de ser negro(a) vividas por universitarios (as) egresados del Curso preparatorio para acceso a la universidad de una Fundación estatal, la PVS, polo del municipio de Belford Roxo. Tomamos como marco teórico a los siguientes autores: hooks (2013);

FANON (2008); KILOMBA (2019) y MBEMBE (2014). Del estudio de caso centrado em el sujeto (KILOMBA, 2019), se evidenció que los cursos preparatorios para acceso a la universidad surgen para promover oportunidades educativas tanto para jóvenes negros y pobres como para otros segmentos excluidos. También se observó que, dentro del grupo entrevistado, los estudiantes negros construyen sus experiencias en un contexto racista que alimenta nuevas formas de exclusión que les genera dolor y trauma. Así, estos cursos pueden ofrecer herramientas que ayudan em la construcción de una identidad negra positiva, a través de discusiones sobre cuestiones raciales, las cuales se consideran poco valoradas em las escuelas, o a través de la sociabilidad. A partir de estas conclusiones, se sugiere una educación antirracista para contribuir a atenuar las desigualdades estructurales em la sociedad.

Palabrasclave: Juventud negra; Belford Roxo (RJ); Curso preparatorio social; Desigualdad racial.

INTRODUÇÃO

A investigação tem como objetivo descrever e analisar a experiência de ser negro (a) dentro de uma sociedade racista, utilizando, como campo de investigação, o Pré-Vestibular social da Fundação Cecierj (PVS), no município de Belford Roxo, no Rio de Janeiro, por meio do relato das experiências de cinco alunos (as) egressos (as) que se identificaram como negros (as) e, no momento das entrevistas, estavam cursando a graduação. De acordo com Bastos, Gomes e Fernandes (2010), o PVS é uma ferramenta que visa alterar os problemas na educação pública que impedem o acesso ao ensino superior pelas camadas menos favorecidas da população. Dessa forma, a maior parte dos seus polos está nas periferias e no interior do estado do Rio de Janeiro. Os mesmos autores afirmam que em 2020, eram 53 polos, divididos em 37 cidades, entre elas o município de Belford Roxo.

A pesquisa: pressupostos teóricos e metodologia

Como pressupostos teóricos deste trabalho, destacam-se as seguintes autorias: Fanon (2008), hooks(2013), Kilomba (2019) e Mbembe (2014), que retratam a experiência de ser negro. Ao tratar da experiência de jovens negros em um pré-vestibular social, é necessário contextualizar não só autores que auxiliem a pensar essa experiência, como também a questão educacional desses jovens. Mbembe (2014) fala sobre a criação da raça como um instrumento de controle dos corpos. Com efeito, o corpo negro passa a ser objetificado, subalternizado, negado e desumanizado. Esse processo faz com que o negro seja levado a negar a si mesmo, visto que é colocado na condição de inexistência, o que o leva a não se reconhecer como sujeito. Essa construção de um lugar de não sujeito é tratada pela autora Kilomba (2019) ao trazer experiências de mulheres negras a partir do racismo cotidiano. Assim, dentro desse processo de “Alienação Colonial” - impossibilidade de se construir enquanto sujeito da sua própria história -, conceito tecido por Fanon(2008), o sujeito negro irá tentar usar máscaras brancas e, nesse processo violento gerado pelo racismo, traumas como os retratados por Kilomba (2019), sobretudo a partir de Fanon (2008), também fonte para a escrita de Mbembe (2014). Nesse sentido, hooks (2013) trata a sala de aula como um lugar que deve gerar reflexão, estimular a produção do conhecimento, libertar os indivíduos dos preconceitos, promover interesse da sociedade, se comprometer contra as desigualdades e ensinar os professores a transgredir. Nesse viés, cabem as perguntas: será que a sala de aula tem estimulado esses posicionamentos? Será que a sala de aula possibilita enxergar o racismo uma ideologia de anulação dos sujeitos negros? Através de um diálogo com esses autores, é possível estabelecer o racismo como um instrumento de poder que estrutura o país e, assim, faz parte deste trabalho pensar o PVS como um possível local de estímulo a essa compreensão.

Quanto à questão das periferias urbanas para localizarmos as especificidades do Pré-Vestibular Social em Belford Roxo, as autoras Das e Pooles (2008) auxiliam na análise do estado como produtor da própria da

periferia, não é analisada apenas do ponto de vista territorial, mas do ponto de vista das práticas, ou seja, lugares empobrecidos, de precariedade, em que o estado atua por meio da ausência, ou seja, ele negligencia direitos como saúde, educação, lazer e até direitos à própria vida. No caso de Belford Roxo, observa-se um território constantemente negligenciado, principalmente no ponto de vista educacional, fato tratado mais adiante.

Assim, a pesquisa utilizou a metodologia qualitativa a partir de um estudo de caso sobre a experiência de ser negro (a) vivenciada por ex-alunos(as) do PVS de Belford Roxo. Nas entrevistas com o público-alvo, destacamos as experiências vividas do racismo cotidiano, conforme abordagem adotada por Kilomba (2019), utilizando, nas entrevistas, narrativas biográficas, proposta metodológica de Mercheril (1997 apud KILOMBA, 2019), com os ex-alunos (as) do PVS de Belford Roxo.

Seguindo essa linha, o estudo de caso segue três fases: exploratória ou de definição dos focos de estudo; a fase de coleta dos dados ou de delimitação do estudo; e a fase de análise sistemática dos dados. Dessa forma, explicaremos cada uma das etapas feitas. Ao longo da fase exploratória, em uma busca por artigos, dissertações e teses, foram lidos textos acerca da história dos cursos de pré-vestibulares, bem como sua importância social e as conclusões que foram feitas a partir dos textos estudados. Como principal fonte de busca para esse assunto, foram utilizados o Portal de Periódicos da Capes³ e o Scielo⁴, plataformas por meio das quais foram levantados estudos com palavras-chave como: “Pré-vestibular Social” (descriptor 1); “Pré-vestibular Comunitário” (descriptor 2); “Pré-vestibular Popular” (descriptor 3); e “Pré-vestibular Social da Fundação Cecierj” (descriptor 4) entre os anos de 1990 e 2019, a fim de comparar a produção durante a década dos anos de 90, década em que esses projetos se popularizaram, e os anos 2000, quando deixaram de ser promovidos somente pela sociedade civil e passaram a ser oferecidos também pelo estado. Nessas bases, encontraram-se os seguintes números:

³Portal de Periódico da Capes: Biblioteca virtual que disponibiliza a instituições de ensino produção científica. Ele conta com mais de 45 mil títulos com texto completo.

⁴Scielo: Biblioteca digital de periódicos que reúne uma coleção de periódicos científicos brasileiros e outras publicações acadêmicas.

Tabela 1 - Produções nas bases de dados no período (1990-2019)

| Base | Descritor 1 | Descritor 2 | Descritor 3 | Descritor 4 |
|--------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Scielo | 2 | 3 | 6 | 0 |
| CAPEB | 7 | 20 | 17 | 1 |
| Total: | 56 | | | |

Fonte: elaborado pela autora.

Durante a fase exploratória, foram encontrados 56 materiais, filtrados a partir da leitura daqueles que consideravam: os pré-vestibulares que têm como foco a questão racial; aqueles que abordam os cursos a partir dos movimentos sociais; e aqueles que destacam o Pré-Vestibular da Fundação Cecierj. Essa divisão foi realizada para entender a história dos pré-vestibulares comunitários e os diferenciais que existem entre eles, assim como identificar se, mesmo que não seja o objetivo principal do PVS, há alguma relação entre os objetivos dos outros cursos e ele, como entendimento sobre a realidade dos sujeitos, a questão da cidadania e outras práticas que ultrapassam o ensino escolar.

Em relação ao corte social e racial, uma das características dos cursos pré-vestibulares sociais, destacamos textos de Nascimento (1999) e Silva (2006); quanto à abordagem que os insere nos movimentos sociais, utilizamos os estudos de Silva (2006) e Silva(2007); e, sobre o Pré-Vestibular Social da Fundação Cecierj⁵, Bastos, Gomes e Fernandes (2010) e Souza, T. (2020). Nascimento (1999), um dos precursores no tema e um dos fundadores do Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), analisa os pré-vestibulares populares, sobretudo o PVNC⁶. Dessa forma, a dissertação traz um estudo sobre a formação desses cursos e suas práticas pedagógicas, enfatizando o debate social e racial como justificativa para a realização desses projetos. O autor destaca nesses ambientes a possibilidade do surgimento de luta para enfrentamento de problemas, ou seja, a organização desses cursos possibilita constituir um movimento social que auxilia no combate à exclusão social, à

⁵Pré-Vestibular social da Fundação Cecierj é um curso preparatório para o vestibular, iniciativa do Governo do Estado do Rio de Janeiro, por meio de sua Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação e da Fundação Cecierj, que conta com o apoio da Secretaria de Estado de Educação.

⁶Pré-Vestibular para Negros e Carentes: curso pré-vestibular comunitário voltado para a população negra e pobre.

discriminação e ao racismo, pois tais espaços produzem metodologias que valorizam a cidadania, a igualdade, o respeito e a diversidade.

É importante ressaltar que o PVNC, surge na Baixada Fluminense⁷, especificamente em São João de Meriti. Para os fundadores do projeto, a população pobre apresenta desvantagem no processo seletivo para o vestibular por causa da baixa qualidade de seu ensino. Quanto a isso, e de acordo com José Carlos Esteves, Coordenador do Núcleo AFE, Duque de Caxias, um dos objetivos da carta de princípios, documento que indica os princípios e objetivos do projeto do Pré-Vestibular para Negros e Carentes ,é denunciar a péssima qualidade do Ensino Médio, sobretudo do Estado do Rio de Janeiro e na periferia, mais especificamente na Baixada Fluminense; e resgatar a questão racial.

Nesse sentido, destaca-se a importância de um pré-vestibular em Belford Roxo, tendo em vista que a região apresenta baixa qualidade de ensino e cenários de vulnerabilidade social do jovem da Baixada. Ainda, de acordo com Nascimento (1999), a situação é ainda mais grave para a população negra, pois o preconceito e a discriminação racial colocam esses estudantes em situação de desvantagem, de pobreza e de exclusão social.

Ao se tratar do Pré-Vestibular para Negros e Carentes, ressalta-se a figura do Frei David Raimundo dos Santos⁸, um dos fundadores desse projeto e uma liderança negra importante, que começou seu trabalho em pastorais, com atuação, sobretudo, na Baixada Fluminense, observando que a discussão quanto aos negros (as) estava dentro do âmbito da Igreja Católica. Depois de suas avaliações, Frei Davi propõe como objetivo, a inserção dessa população nas universidades e participa, então, da criação do PVNC em 1993, mas, devido à divergência com outros líderes do projeto, cria a Educação e cidadania de Afrodescendentes (EDUCAFRO)⁹, fundada em 1998 , cujo objetivo inicial e

⁷Baixada Fluminense é uma região geográfica do Rio de Janeiro formada pelos municípios Belford Roxo, Seropédica, Duque de Caxias, Guapimirim, Japeri, Queimados, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu e São João de Meriti.

⁸Para mais informações sobre Frei David e a construção da Educafro, há a tese de Renato Emerson dos Santos (2006).

⁹EDUCAFRO: Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes, instituição que atua como pré-vestibular comunitário no Rio de Janeiro e em São Paulo.

principal era negociar bolsas para pessoas negras e pobres; posteriormente, a instituição passou a oferecer o curso de pré-vestibular.

Dentro do recorte racial, destaca-se também a pesquisa de Silva (2006), que trata da Cooperativa Steve Biko¹⁰, organizada a partir da compreensão da fragmentação das desigualdades raciais no Brasil, resultando na imobilidade social do negro. A autora evidencia essa iniciativa como resposta à dominação branca nas universidades brasileiras. Dessa forma, a cooperativa se propõe a enfrentar a hegemonia branca no espaço acadêmico por meio de curso um preparatório para a população negra, constituído também por professores negros. Em seu texto, a autora analisa a importância do Movimento Negro¹¹ como agente no campo dos movimentos sociais, por meio da etnografia do Instituto Steve Biko, inclusive com entrevistas com Silvio Humberto, um dos fundadores, além de professores, ex-alunos e outros representantes da parte administrativa. Para além da questão da inclusão da população negra no ensino superior, o projeto também apresenta uma elevação da autoestima dessa população ao oferecer uma disciplina chamada Cidadania e Consciência Negra, cujo objetivo é a formação política e cidadã. A esse respeito, em uma das entrevistas, o trabalho traz a seguinte fala de Silvio Humberto (2005):

[...] primeiro você tem que reconstruir a auto-estima dessas pessoas. Dizer você pode, realmente, é parte do seu sonho. E isso, a Biko fez. Isso é impactante, dissemos assim - isso a gente vai mexer, porque nós, fomos atingidos no lugar onde o racismo atin, destrói que é a auto-estima, então você reconstrói e vem. Então isso abre uma coisa que o cara diz assim - “eu também posso!” [Silvio Humberto, entrevista em junho de 2005]. (SILVA, 2006, p. 136).

A autora deixa claro que a formação dessa instituição foi um condicionante para a formação de outros cursos comunitários com a mesma finalidade e que esse tipo de ação dá voz aos que são silenciados, além de

¹⁰Cooperativa Steve Biko: Instituto formado em 1992 por estudantes negros e negras. A Cooperativa formou o primeiro pré-vestibular voltado para a população negra do Brasil. O projeto também oferece ações destinadas à ciência e tecnologia e intercâmbios.

¹¹Movimento(s) Negro(s) correspondem aos movimentos realizados por uma série de pessoas que lutam contra o racismo. De acordo com Alberti e Pereira (2007), na década de 70, surgiram vários movimentos, a unificação deles deu origem ao Movimento Negro Unificado (MNU), o qual exerceu e exerce um papel histórico e político no combate ao racismo.

promover o debate em relação à raça, necessário para a construção de uma sociedade sem racismo. A comunicação entre trabalhos que tratam da questão racial é importante, pois, além de serem os precursores desses preparatórios, articulam-se à temática racial desta pesquisa.

Nesse sentido, faz-se importante tratar também dos cursos populares que não têm enfoque na questão racial, mas demonstram preocupação com a construção da cidadania. Dessa forma, ressaltam-se as pesquisas de Silva (2006n) e Silva (2007). A dissertação de Silva (2007), “Educação Popular na favela - uma pesquisa no/do/com o cotidiano do Pré-Vestibular Comunitário da Rocinha”, trata da contribuição do Pré-Vestibular Comunitário da Rocinha (PVCR), a maior favela do Brasil, marcada pelo baixo poder aquisitivo de seus habitantes, em relação à inserção de jovens e adultos moradores da Rocinha no Ensino Superior Público. O autor apresenta que o PVCR contribui para a emancipação, pois possibilita aos moradores da Rocinha experimentarem a política de forma concreta, pois oferece a capacidade de construir táticas no cotidiano que subvertem a ordem de violência à qual estão submetidos. Uma dessas táticas é o oferecimento de capital social cultural a esses estudantes.

O autor traz uma análise interessante ao destacar que, mesmo com tal ampliação, os seus capitais não são suficientemente relevantes para a integração desses estudantes em espaços fora da favela ou até mesmo para o mercado de trabalho. Isso porque esses capitais adquiridos são tensionados às representações da mídia, que estigmatizam essa população e fazem com que os moradores de fora desse espaço também os inferiorizem, ou seja, por mais que os moradores de favela adquiram esses capitais culturais, ainda assim, eles não são plenamente aceitos por toda a sociedade. Esta pesquisa dialoga com o estudo de Silva (2007) na medida em que traz a percepção de que os moradores de Belford Roxo, assim como os da Rocinha, também são estigmatizados. Apesar disso, esses espaços contribuem para que a comunidade perceba esse comportamento, dessa forma, sendo um lugar para espaço de formação política.

Silva (2006) também analisa esses cursos comunitários. Por meio de um estudo de caso do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM),

organização não governamental (ONG) que se destina a levar cultura e educação ao Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, e que criou um curso de pré-vestibular comunitário. A autora ressalta a contribuição desses cursos comunitários para o ingresso de jovens de classes populares no Ensino Superior, destacando que um dos fatores que exclui os jovens de origem popular das universidades é a falta de oportunidades, advinda de desigualdades históricas no que tange ao acesso e à permanência no Ensino Superior. Essa diferença de oportunidades poderá ser modificada a partir de políticas como esses cursos e com investimentos em educação que antecedem essa etapa, através da criação de outros ambientes de aprendizagem, da melhor remuneração dos professores, além de qualificação, aumento do número de escolas e estímulo do aluno para que possa fazer o vestibular com igualdade de condições com os alunos das escolas privadas.

Para além dessa dificuldade de acesso, Silva (2006) também discute a dificuldade de muitos alunos subsidiarem os custos no ambiente acadêmico. Desse modo, sugere políticas afirmativas para a permanência desses alunos no Ensino Superior. Nesse viés, percebe-se a importância desse tipo de curso na reivindicação de medidas que auxiliem os que vivem à margem da população.

Em relação à pesquisa sobre o Pré-Vestibular da Fundação Cecierj, destaca-se a investigação “O pré-vestibular social: desafios à busca da inclusão social, de Bastos et al (2010)”, que apresenta a contribuição do projeto em relação ao enfrentamento quanto ao ingresso no Ensino Superior, por meio de resultados. Além disso, o estudo propõe estratégias para melhorar o seu alcance, como a capacitação de alunos e professores em informática; a ampliação de ofertas culturais aos alunos e professores, como acesso a teatros e outros eventos, a fim de ampliar o nível cultural e ampliar a sociabilidade entre tutores e discentes.

De acordo com Silva et al. (2009), observando dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) a partir da PNAD de 2007, os autores comprovam o elitismo do Ensino Superior, justificativa para a criação do PVS, projeto destinado às populações do interior e de baixa renda. A pesquisa destaca, no território da Baixada Fluminense, o número elevado de aprovação

de alunas e alunos oriundos desse projeto em Belford Roxo, Duque de Caxias e Nova Iguaçu, indicando que apenas 10% dessas avaliações se valeram da Lei de Cotas¹². Dentro disso, a investigação “Percepções de alunos do pré-vestibular social (PVS) sobre a política de cotas no acesso ao ensino superior brasileiro”, feita por Souza, T. (2020), aponta que os alunos do PVS carecem de um conhecimento crítico e aprofundado sobre essa política. De acordo com a autora:

O PVS é uma iniciativa estatal que visa contribuir para o processo de democratização do ensino superior, e capacitar possíveis cotistas. Porém, o cursinho possui características próprias, o que faz com que se afaste do modelo geral de cursinhos populares. A presença forte de mecanismos avaliativos acaba por reforçar ideais meritocráticos mais do que criticar desigualdades educacionais. Tal fato tem implicações diretas e indiretas tanto no sucesso do próprio PVS, quanto da sua relação com outras políticas inclusivas, como as ações afirmativas/sistema de cotas. (SOUZA, T., 2020, p. 16).

Ainda em diálogo com o texto, para os estudantes negros do PVS, a adoção das cotas raciais perpetua estereótipos e reforça a ideia de que essa população é incapaz de conquistar determinadas posições sociais sem algum tipo de ajuda, e o conhecimento acerca dessa Lei pode desmistificar esse tipo de pensamento e percebê-la como um direito e correção de desigualdades históricas que mantiveram distante o acesso ao ensino superior pela população negra.

Em contrapartida a essa conclusão, a proposta, nesta pesquisa, também se valeu da percepção dos alunos, sobretudo os negros, a respeito da Lei de cotas, apresentando material feito pelo PVS, demonstrando que há uma preocupação desse pré-vestibular, ainda que não a principal, sobretudo pela existência do grupo SOA, responsável pela Supervisão da Orientação Acadêmica dos alunos (as), em fazer com que esses estudantes criem consciência política quanto a essa Lei.

¹²A Lei nº 12.711/2012 garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e nos 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do Ensino Médio público, em cursos regulares ou da Educação de Jovens e Adultos.

A partir dessa pesquisa exploratória, percebe-se que, apesar das diferenças entre esses projetos, do ponto de vista de público e pedagógico, os preparatórios chamados de comunitários possibilitam um lugar com práticas pedagógicas que levam à discussão de temáticas sociais. No caso do Pré-Vestibular da Fundação Cecierj, as pesquisas levantadas o descrevem como um local com uma prática pouco progressista. No entanto, este artigo descreve a preocupação do PVS em debater questões sociais e raciais, reforçando sua ligação com os demais cursos da mesma natureza.

Os jovens por eles mesmos

A pesquisa realizada para a composição deste artigo permitiu dar voz a jovens que, muitas vezes, são calados na e pela sociedade. Foi um mergulho em suas subjetividades que possibilitou ouvir como foi o percurso deles na construção da identidade negra, trajetória, descrita pelos entrevistados, acompanhada por pessoas, alegrias, dor, luta e principalmente por coragem de se assumir não apenas do ponto de vista racial, mas também de um ponto de vista político em uma ambientação que frequentemente fragiliza a juventude negra.

Inicialmente, para a coleta de dados para acompanhamento dos nossos informantes, foi utilizado o formulário pelo *Google Forms*¹³, a partir dele, a seleção dos entrevistados. Além disso, utilizou-se o *WhatsApp*¹⁴, ferramenta que facilitou a comunicação da autora com os entrevistados nos casos de dúvidas após a realização das entrevistas. A técnica da observação se deu em diferentes momentos da pesquisa, nas participações no grupo do *Whatsapp* nas entrevistas *online*. Nesse sentido, as ferramentas digitais entraram na pesquisa como uma engrenagem fundamental.

O formulário foi enviado para alunos egressos do PVS que se encaixavam dentro do recorte da proposta de investigação - ser negro (a), ex-aluno do PVS de Belford Roxo e estar na graduação. Além disso, foi solicitado a um mediador

¹³ Aplicativo de gerenciamento de pesquisas lançado pela empresa Google.

¹⁴ Aplicativo que permite a troca de mensagens e mídias

do polo de Belford Roxo que indicasse ex-alunos que pudessem participar. Depois do preenchimento do formulário, feito por dez egressos, foi realizada a escolha de cinco dessas pessoas, que foram entrevistadas. Para isso, foram considerados os critérios sobre a contribuição que a experiência do pré-vestibular e/ou da universidade teve para a identidade negra e/ou alunos que ingressaram por meio de ações afirmativas (reserva de vagas, cotas, bônus, etc). Acredita-se que, dessa forma, esses selecionados poderiam explorar, de maneira mais descritiva, como foi assumir uma identidade estigmatizada e como eles vivenciaram e vivenciam esse processo de construção da identidade negra.

Traçou-se um perfil dos (das)jovens entrevistados (as) com base no formulário *Google Forms* a partir dos seguintes tópicos: idade, residência atual, ano de ingresso no PVS, Universidade, curso de graduação e a forma de ingresso. A partir desse perfil mais geral, foram feitas as entrevistas e aprofundados esses perfis. A fim de organizar melhor os dados, as seções de análise das entrevistas ficaram da seguinte forma: vivência em Belford Roxo - Relação entre a periferia e a experiência de ser negro (a); pré-vestibular social e Universidade; cicatrizes do racismo cotidiano; consciência antirracista e o tornar-se negro (a); formas contemporâneas de construção da identidade negra e expectativas futuras.

Como forma de preservar a identidade dos candidatos, foram utilizados nomes fictícios.

Tabela 2 - Informações dos entrevistados

| Nome | Jorge | Bruna | Maria | Mariana | Vitória |
|------------------------|--------------|--------------|--------------|--------------------------|---------------------|
| Idade | 24 | 23 | 20 | 21 | 23 |
| Residência atual | Belford Roxo | Belford Roxo | Belford Roxo | Nova Iguaçu | Belford Roxo |
| Ano de ingresso no PVS | 2015 | 2015 | 2018 | 2015 | 2015 |
| Universidade | UFRRJ | UFRJ | UFRJ | UFRRJ | Unirio |
| Curso de Graduação | Jornalismo | Geografia | Biomedicina | Licenciatura em História | Ciências Biológicas |
| Forma de ingresso | Cotas | Cotas | Cotas | Sem reserva de vagas | Cotas |

Fonte: Elaborado pela autora.

Fanon (2008, p.170), acrescenta: “No paroxismo da dor, só há uma solução para o infeliz preto: provar sua brancura aos outros e sobretudo a si mesmo”. Ou seja, em uma sociedade racista, para o indivíduo ser reconhecido como tal, tanto para ele quanto para os outros, ele precisa vestir uma “máscara branca”, o que o leva a um processo traumático, indicado por Mbembe (2014) como o processo em que o negro (a) é levado a negar a si mesmo enquanto sujeito. Em diálogo com Fanon, Kilomba (2019) fala dos traumas gerados pelo racismo estrutural e cotidiano, aquele que é permanente e que se recria no dia a dia da vida social, evidenciando o efeito que isso gera na percepção do ser negro (a), ou seja, a construção do espaço de não sujeito. Dessa forma, por meio das narrativas, foi analisado como foi o processo de construção da identidade negra, se os jovens entrevistados identificam esses traumas evidenciados pelos autores supracitados, as cicatrizes do racismo cotidiano e quais são as estratégias desses sujeitos para superarem esses traumas, onde nasce a consciência antirracista e o “tornar-se negro”, ou seja, quando o sujeito negro toma consciência da negritude. Segundo Kilomba (2019), a experiência da cura vem dessa tomada de consciência, como também o reconhecimento de uma pessoa enquanto semelhante.

Nesse sentido, vale ressaltar as palavras de Souza, N. (1983, p.115): “[...] ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro”, em que apresenta que nascer negro no Brasil e compartilhar

da história da escravidão e da discriminação racial não organiza, por si só, uma identidade negra. Ser negro, além disso, é tomar consciência do processo ideológico, ainda segundo Souza, N. (1983, p.115), “é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração”. Nesse sentido, a autora indica a construção da identidade negra como um ato político criado a partir de uma tomada de consciência que faz com que os sujeitos rompam com a caricatura do branco e permite que eles criem seu próprio rosto.

Kilomba (2019), Fanon (2008) e Souza, N. (1983) comungam da mesma visão sobre ser negro, indicando que possuir um discurso sobre si mesmo, por meio da identificação positiva com a negritude, faz parte desse processo de desconstrução do tornar-se negro (a). Nesse sentido, hooks (2013) aponta a sala de aula como um lugar que gera reflexão. Dessa forma, a pesquisa apresenta como foi este processo para os entrevistados (as), observando, também, se os espaços escolares, funcionaram como ambientes para a identificação positiva com a negritude. Desse modo, embora essas narrativas sejam individuais, esse processo está relacionado a contextos sociais, econômicos e históricos.

Para o jovem negro e a jovem negra, dialogar com a visão do território é importante, pois o lugar onde se vive ou se viveu funciona como referência e elemento importante na construção das experiências. Em se tratando de Belford Roxo, uma periferia do Rio de Janeiro, analisou-se aqui como se deram essas experiências e como foi a relação entre elas e a experiência de ser negro (a).

Vivências em Belford Roxo: a periferia, o PVS, a experiência de ser negro (a) e as expectativas futuras

No geral, os egressos de Belford Roxo apresentam uma visão do município como um lugar de ausências, de exclusão e com poucas oportunidades. Os pontos mais relatados quanto a esse abandono referem-se a questões sobre educação, segurança e cultura. Além disso, todos relataram que, dentro das áreas que pretendem atuar, a cidade não apresenta possibilidades de trabalho para eles.

Dentro dessas perspectivas, é importante ressaltar que, ao tratarem sobre os seus locais de residência, o termo cidade sempre aparece para se referir ao eixo Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro e Centro do Rio, desconsiderando que os locais que moram (Nova Iguaçu e Belford Roxo) também são cidades. Essa percepção está relacionada aos contrapontos percebidos por eles, ou seja, consideram que locais que apresentam maiores possibilidades para se usufruir do território são considerados cidade. Desse modo, foi observado que as carências da cidade de Belford Roxo contribuem negativamente para a experiência deser negro dos entrevistados, principalmente ao compararem os seus municípios com as regiões privilegiadas. Além de trazerem essa perspectiva, as pessoas entrevistadas também colocam o município como um lugar que pouco apresenta chances profissionais dentro das áreas que eles escolheram, o que reforça essa exclusão.

Hall (2014) contribui no debate sobre a identidade negra ao indicar que os sujeitos assumem identidades diferentes ao longo de suas vidas, identidades contraditórias que fazem os indivíduos tomarem diferentes direções. Nesse sentido, a identidade, segundo o autor, é um processo em constante transformação. Tratando-se da identidade negra, o mesmo autor chama a atenção para que nossa atenção criativa seja dirigida para a diversidade e não para a homogeneidade da experiência negra. O pensamento que coloca as identidades negras como as “tradições deles (dos outros) versus as nossas (negras) (HALL, 2003, p. 306)” não compreende as diferenças da diáspora. Dessa forma, é preciso considerar que o processo de construção de identidade desses jovens é constante e mutável e que suas experiências, ainda que em alguns pontos sejam parecidas, são individuais.

Como outros pré-vestibulares sociais, o PVS não tem como preocupação central tratar das questões raciais. No entanto, observa-se que ao tratar das desigualdades sociais, da pobreza, inevitavelmente esbarramos com as desigualdades raciais. Daí a afirmação de que a pobreza no Brasil tem cor devido à sobrerrepresentação dos negros nas camadas mais baixas da sociedade. Por isso, ao se falar sobre os indicadores de violência e exclusão social, a população negra é majoritária, liderando os índices de subalternidade na realidade brasileira. Cabe observar que as políticas de combate à pobreza podem conviver com as políticas inclusivas para negros. Desse modo, identificou-se nas entrevistas o quanto o social dialoga com o racial, logo, consideramos que o debate sobre as questões raciais no pré-vestibular pode fortalecer e amadurecer as identidades raciais no campo universitário.

Kilomba (2019) indica que estão presentes no racismo três características: a construção da/de diferença, em que o indivíduo é visto como diferente por causa da sua origem racial ou devido a sua religião; os valores hierárquicos, que acompanham as diferenças e juntos formam o preconceito. Nesse sentido, a autora explica que além de o sujeito ser visto como diferente, essa diferença é feita por meio do estigma, da desonra e da inferioridade, assim, esses valores resultam em um processo de naturalização que coloca esse grupo como “a/o problemática/o, a/o difícil, a/o perigosa/o, a/o preguiçosa/o, a/o exótica/o, a/o colorida/o, a/o incomum” (KILOMBA, 2019, p. 75-76), características acompanhadas pelo poder - histórico, político, social e econômico -, estabelecendo, dessa forma, a combinação entre o preconceito e o poder, o que forma o racismo.

A partir dessa caracterização, a autora conceitua o termo “racismo cotidiano”. O uso da palavra cotidiano indica que o racismo é algo frequente, que se insere num padrão de repetição de contínuas violências e abusos e faz com que o sujeito negro seja colocado como um outro “Discursos me colocam como outra quando dizem que não posso ser daqui porque sou negra. [...] toda vez que sou colocada como outra, estou experienciando o racismo, porque eu não sou outra, eu sou eu mesma” (KILOMBA, 2019, p.80). Trazendo essa conceituação para a análise de todas as entrevistas, apesar de trazerem

experiências diferentes, já que cada indivíduo possui as suas particularidades, foi observado que o racismo foi experienciado de maneira distinta. Sendo assim, em cada caso existiam narrativas de racismo cotidiano, seja na escola, no trabalho e até na própria família.

De acordo com Kilomba (2019, p. 238), o processo de tornar-se negro está associado a essa consciência antirracista, em que “não se existe mais como o Outro/o, mas como o eu. Somos eu, somos sujeitos, somos quem descreve, somos quem narra, somos autoras/es e autoridade da nossa realidade”, processo que resulta no tornar-se negro. Nesse sentido, ao longo das entrevistas, os egressos colocaram que esse processo ocorreu de acordo com os seguintes aspectos: o contato maior com disciplinas que tratavam da história e da cultura da população negra; a transição capilar; a passagem entre o PVS e a Universidade; e a entrada para Movimentos Sociais.

Em relação ao maior contato com disciplinas que tratassem da história e da cultura negra, foi apontada a ausência de um diálogo mais aprofundado quanto a isso na escola, contrastando com o modo como foi a História do Brasil foi abordada no PVS, em que havia o exercício do pensamento crítico. Além disso, a entrevistada Maria também relatou a importância de algumas orientações acadêmicas, que a faziam refletir sobre questões raciais, entre elas a de trabalho na contemporaneidade, em que foram apresentadas as diferenças salariais entre brancos e negros no Brasil.

É importante destacar que a sociabilidade também foi uma questão destacada pelos egressos. Ao falarem sobre a entrada em Movimentos Sociais, no PVS ou até mesmo na Universidade, foi observado o quanto a relação com amigos que eles identificaram como pessoas com a mesma cor deles contribuiu para essa consciência. Segundo Kilomba (2019), nesse processo de tornar-se sujeito, o sujeito negro inicia, por meio da identificação, uma série de identificações consecutivas com outras pessoas negras, quanto à história, à biografia, às experiências, aos conhecimentos, o que previne que esse sujeito seja alienado pela branquitude, ou seja, a construção da identidade racial branca dentro de sociedades estruturadas pela raça e, conseqüentemente, pelo racismo. A participação em movimentos sociais também passa pela questão da

sociabilidade e, nesse sentido, três dos entrevistados ressaltaram a importância desses movimentos nesse processo de “descolonizar o eu”, dar voz e visibilidade aos povos subalternizados e oprimidos.

Apesar de essas experiências serem diferentes, observa-se um traço comum entre elas: o diálogo. Falar sobre questões raciais foi importante para que esses sujeitos criassem uma consciência antirracista, seja no pré-vestibular, na Universidade, na sala de aula ou fora dela, foi por meio dos diálogos que saberes que os levaram a outros lugares, que os fizeram pensar acerca da realidade e os levaram ao processo de construção da identidade negra foram construídos. A sociabilidade é essencial para a vida na sociedade e, em determinados espaços, ela gera união, reflexão e posicionamentos.

Partindo da análise de construção da identidade negra a partir da definição de Kilomba (2019), ou seja, quando há essa ruptura de existência como a/o Outra/o e construção como o eu, processo do tornar-se sujeito, este tópico analisou como os egressos veem as formas contemporâneas de construção da identidade negra. Para isso, as redes sociais foram consideradas como possibilidades para o que se chamou de formas contemporâneas. Hoje as redes sociais têm papel significativo na vida de substancial parcela de jovens que têm acesso à internet. Em uma sociedade racista, o negro aprende que as características a serem valorizadas devem ser as do sujeito branco, com isso, ele é levado a negar suas próprias características e a criar uma identidade a partir a/o Outra/o. Em contrapartida a essa imposição, algumas páginas nas redes sociais têm como objetivo desconstruir a imagem negativa do sujeito negro, divulgada amplamente pelo racismo, e construir uma imagem positiva, em que os chamados “*influencers*” falam sobre vários assuntos para a comunidade negra, como cuidados com a pele negra, análise cromática, cabelo, estilo, como reagir em situações de racismo cotidiano, além de denunciarem os casos de racismo vivenciado por eles. Desse modo, analisou-se como esses tópicos, além de outros discutidos em páginas no *Instagram*, *Twitter*, *Facebook* e *TikTok*, podem contribuir para a construção da identidade negra.

Quanto às expectativas futuras dos egressos, foram analisados o aspecto profissional e o pessoal. No geral, eles apresentaram uma relação entre esses

aspectos, ou seja, indicaram que, para concretizar os interesses individuais, isso deve passar por uma boa estrutura profissional. No entanto, quatro dos cinco entrevistados, apesar de indicarem suas expectativas, demonstraram uma visão pessimista quanto ao futuro.

A tendência do mercado em absorver o profissional com múltiplas habilidades requer do jovem negro (a) maior esforço na inclusão. Por um lado, a formação universitária não atende as demandas de mercado do trabalho, por outro, o discurso do empreendedorismo vulnerabiliza o trabalhador e transfere para ele todas as obrigações trabalhistas que não correspondem a áreas de maior setor profissional, por isso a sua inquietude. Nesse sentido, atualização, familiaridade com a tecnologia, multifuncionalidade e formação expandida fazem parte das exigências do mercado de trabalho.

É importante ressaltar, ainda, o acúmulo das desigualdades progressivas por parte da população negra, o qual indica a necessidade de um maior esforço dessa população. Segundo Silva (1981), os negros estão sujeitos à discriminação no processo escolar, à discriminação no emprego, bem como à discriminação salarial. Essa acumulação amplia a chance de esses indivíduos encontrarem mais dificuldades em alcançarem melhores empregos. Nesse sentido, Jorge apresenta certa insatisfação com o seu curso, o que dialoga com os entrevistados da área de licenciatura, ao indicarem a falta de certeza quanto a seguir na educação, o que foi visível também em outras falas: “Eu quero me formar, arrumar um trabalho. Faço licenciatura, mas não sei se quero dar aula” (Vitória, 23 anos). O apontamento de Vitória se relaciona ao desprestígio do educador no país, aos salários baixos e à falta de infraestrutura nas instituições escolares. É importante ressaltar que a crise no sistema de ensino básico atinge majoritariamente os estudantes negros (as).

Além das expectativas futuras quanto às questões profissionais, foram observados desejos relacionados à mobilidade social, tais como viagens, a emancipação financeira e a conquista da casa própria. Quanto a esse último aspecto, uma das entrevistadas acrescentou a seguinte fala: “Minhas expectativas são me formar, conseguir ter uma casa, que acaba que é o sonho de toda pessoa preta periférica”. Essa percepção de colocar os objetivos

individuais como objetivos de um mesmo grupo demonstra a percepção de uma sociedade racista que oferece poucas oportunidades de mobilidade social à população negra, inclusive no que tange à moradia, expectativa essa apresentada como um sonho de todos os entrevistados.

Considerações finais

Ao trazerem as suas narrativas quanto à experiência de ser negro (a), os egressos do PVS indicaram que a identificação com a identidade negra foi um processo e não aconteceu em um momento único. O PVS foi parte importante nesse caminhar, por meio das aulas que trouxeram identificação com as suas realidades e em relação ao processo de sociabilidade entre os amigos e professores. Ao longo desse processo, foi possível perceber que PVS apresentou possibilidades para o ingresso no ambiente universitário, como as políticas de ações afirmativas e alternativas para além do diploma, como o que são coletivos negros. Para além dos conhecimentos específicos, esses jovens apresentaram o pré-vestibular como um local de acolhimento e esperança que os distanciava da realidade de exclusão de Belford Roxo, como se fosse um ponto de fuga dentro do caos.

As experiências apresentadas nas entrevistas demonstraram pontos de vista positivos vivenciados no pré-vestibular que contrastam com o que foi vivido no ambiente escolar, muitas vezes apresentado como um ambiente hostil, de discriminação e de exclusão, um ambiente que muitas vezes, motivou ainda mais a construção de uma identidade negra negativa, em que esses jovens foram colocados como violentos, incivilizados ou levados a crer que estavam em um padrão não aceitável, gerando traumas e cicatrizes, formas de racismo cotidiano também apontadas nas relações familiares.

Por outro lado, as redes sociais aparecem como um movimento oposto a essa alienação causada pelo racismo, podendo desconstruir essas violências geradas pela discriminação. Dentro dessa questão das redes sociais, considerou-se também importante o indicativo dos apontamentos, ao sinalizarem que, apesar de as redes terem um papel positivo na construção de práticas

decoloniais, pessoas negras não devem limitar as suas falas apenas para narrar suas dores porque suas experiências são variadas, ainda que exista um sistema que reproduza práticas coloniais.

Quanto às expectativas futuras desses jovens, observa-se certo pessimismo quanto ao futuro, em especial o profissional, isto pode estar relacionado ao cenário de pandemia de Covid-19 (2019-2022), presente em toda pesquisa. É possível notar que os cenários de crise tendem a ampliar as desigualdades já existentes entre os jovens, principalmente quando se trata da juventude negra. Assim, os alunos negros constroem suas identidades e experiências num contexto racista que alimenta novas estratégias de exclusão.

Dessa forma, sugere-se a necessidade de construção de uma educação antirracista que rompa com as barreiras produtoras de desigualdades sociais e raciais. Apesar de pontos em comum entre as experiências que relatam o racismo, as experiências desses jovens são diversas e particulares, ou seja, ainda que haja pontos que os liguem, como as dores vivenciadas pelo racismo cotidiano, cada uma dessas experiências traduzem as suas individualidades.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria D. F.; GOMES, Maria Fátima C. M.; FERNANDES, Lenise Lima. O pré-vestibular social: desafios à busca da inclusão social. *Revista EAD em Foco*, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, abr./out. 2010. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/21/15>. Acesso em: 18 ago. 2021.

BIELSCHOWSKY, Carlos. et al. *Fundação Cecierj: ontem, hoje e amanhã*. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2018.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. El estado y sus márgenes: etnografías comparadas. In: *Cuadernos de Antropología Social*, Universidad de Buenos Aires, n. 27, p. 19-52, 2008.

FRANÇA, Bruno. (org.). *Pré-vestibular social - Caderno de orientação acadêmica*. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2020. Disponível em: <https://canal.cecierj.edu.br/recurso/15416>. Acesso em: 8 jul. 2021.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscara branca*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FUNDAÇÃO CECIERJ. *Pré-vestibular Social*. Disponível em:

<https://www.cecierj.edu.br/pre-vestibular-social/>. Acesso em: 20 nov. de 2020.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014

hooks, Bell. *Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE biblioteca. *Programa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua* (PNAD contínua Ano 2018). 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101657_informativo.pdf. Acesso em: 26 maio 2022.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. *A crítica da razão Negra*. Portugal: Antígona, 2014.

NASCIMENTO, Alexandre. *Movimentos Sociais, Educação e Cidadania: um estudo sobre os Cursos Pré-Vestibulares Populares, 1999*, 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: https://www.bdttd.uerj.br:8443/bitstream/1/10559/1/Dissert_Alexandre%20Nascimento_Bdttd.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

SILVA, A; SILVA, J; ROSA, W. Juventude negra e educação superior. CASTRO, Jorge Abraão; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho (Orgs.). *Juventude e Políticas Sociais no Brasil*. Brasília: Ipea, 2009, p 260-290.

SILVA, Elionalva Sousa. *Ampliando Futuros: o Curso Pré-Vestibular Comunitário da Maré*. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais), Centro de Pesquisa e documentação de História Contemporânea - CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, 2006. Disponível em: <https://docplayer.com.br/amp/7267357-Ampliando-futuros-o-curso-prevestibular-comunitario-da-mare.html>. Acesso: 20 jul. 2021

SILVA, Gabriela. Alves da. *Ser negro (a): um estudo das narrativas de alunos negros egressos do Pré Vestibular Social (PVS) no município de Belford Roxo*. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias urbanas). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SILVA, Nádia Maria Cardoso. Instituto Steve Biko - Juventude Negra Mobilizando-se por Políticas de Afirmação dos Negros no Ensino Superior.

Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade), Programa de Pós-Graduação em Educação e contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, 2006. Disponível em:

http://www.cdi.uneb.br/site/wpcontent/uploads/2016/01/nadia_maria_cardoso.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

SILVA, Rodrigo Torquato da. Educação popular na favela - Perspectivas de uma pesquisa no/do/com o cotidiano do Pré-Vestibular Comunitário da Rocinha . Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

SIMÕES, Manoel Ricardo. *A cidade estilhaçada: reestruturação econômica e emancipações municipais na Baixada Fluminense*. Mesquita: Entorno, 2007.

SIMÕES, Manoel Ricardo. *Ambiente e Sociedade na Baixada Fluminense*. Mesquita: Entorno, 2011.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Geral, 1983.

SOUZA, Thaíssa Bispo. Percepções de alunos do pré-vestibular social (PVS) sobre a política de cotas no acesso ao ensino superior brasileiro. ENCONTRO ANUAL

ANPOCS, [s. a.], [s. l.], *Anais...* [s. l.]: ANPOCS, [s. a.]. Disponível em: <https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br/atividade/hub/gt>. Acesso em: 18 abril 2022.

Recebido em: 04/10/2022
Aprovado em: 24/02/2023
Publicado em: 10/03/2023